

# Sarney <sup>dues pag 2</sup> versus Covas

A guerra dentro do PMDB e na Constituinte pelo mandato de cinco anos e o presidencialismo com mais poderes ao Congresso está apenas começando e terá várias batalhas pela frente. A primeira delas é a convenção nacional do PMDB, em 13 e 14 de junho, que deverá definir a posição do partido sobre a duração do atual mandato presidencial e a forma de regime, se presidencialismo ou parlamentarismo.

A estratégia do Governo é assumir o controle da maioria dos votos convencionais, garantindo a fixação do mandato em cinco anos e a opção pelo regime presidencialista com mais poderes para o Congresso, como defendeu Sarney em seu pronunciamento de segunda-feira à noite através do rádio e da televisão.

Essa estratégia tem duas pinças — se o Governo verificar que tem o controle da maioria, vai bater chapa, isto é, vai dar número para que a convenção nacional decida; se, pelo contrário, uma prévia análise conduzir à conclusão de que marchar para o voto é um risco, a estratégia estará voltada para esvaziar a reunião, negando-lhe número, como se fez em recente reunião da bancada do PMDB.

O conflito está declarado entre a corrente histórica e a manobra de flanco com que o Governo procura isolar seu adversário já identificado. Essa operação começou com a forte pancada que representou a desnomeação do braço direito de Covas, José Maria Monteiro, para a Delegacia da Receita Federal em São Paulo, um posto estratégico que detém controle sobre importações de insumos industriais em um Estado fortemente industrializado.

A explicação do ministro da Fazenda de que se trata de um cargo técnico que não poderá ser preenchido por um militante (Monteiro é membro da Executiva Regional do PMDB paulista), não convence. Sua folha de serviço é a de um funcionário qualificado da própria receita com mais de 20 anos de batente. Sarney quis identificar o líder Mário Covas como o maior adversário do Governo dentro do partido.

O ato serve para mostrar, ainda, que Sarney está disposto a pôr em prática o que prometeu em seu discurso pela televisão — ou seja, ele assume pessoalmente o comando político do Governo. E vai premiar a fidelidade dos seus aliados no Congresso negando prestígio na mesma medida àqueles que lhe negarem apoio.

Na conversa que teve com o jovem deputado Jutahy Magalhães Júnior, Sarney foi muito claro a respeito do que pretende fazer. Quando Jutahy propunha-lhe que a bancada da Bahia negociasse coletivamente com o Presidente, Sarney respondeu que, pelo contrário, a palavra de ordem é negociar individualmente, porque ele não se acha disposto a premiar indiscriminadamente amigos e adversários.

Sarney deu outra demonstração de que está disposto a usar a caneta com energia, ao demitir os diretores do DNOCS e DNPM (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e Departamento Nacional da Produção Mineral), em Salvador, indicados pelo senador Rui Bacelar, em represália por este ter afirmado que o Ministério dos Transportes era uma corja que rapinava o País e devia ir para a cadeia.